TERÇA-FEIRA, 7 DE DEZEMBRO DE 1915

N.º 244, 5.—(366) 7.º ANNO

Propriedade da empreza d'O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO

Redacção, administração e typographia
Rua do Poço dos Negros, 81

SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARMANDO FERREIRA

Comp. e imp. nas *Officinas Graficas*
Rua do Poço dos Negros, 81

Coleção de bichos portuguezes

Fonseca

IV

Um sapiente „pouco aceado"

CRONICA

A crise — O ministerio — Sermão de lagrimas — Uma fartura por um vintem — Palavras leva-as o vento — Doutrina de S. Tomé — A verdadeira industria que se ha-de desenvolver.

Depois da constituição do ministerio, um ministerio infalivel apontado a dedo, saido do *rafinée* do partido democratico, socegaram um pouco os animos nacionaes.

Estava feita a soberana vontade popular, completos os desejos das oposições, satisfeitas as aspirações do ar, do vento, da terra que clamavam a todo o instante: Afonso... Afonso... Afonso... como as creanças pedem farinha Nestlé ou Grape Nuts.

E' claro que esse governo era o desejado. Não levou tempo a constituir-se, não se prolongou a crise, porque afinal o trabalho do chefe do governo foi simples; chegou-se a casa dos ministros, que já encontrara infalivelmente de pastas debaixo do braço, e trazê-los para o Terreiro do Paço como se na vespera de lá tivessem saido. E ainda sobejaram estadistas de largas aspirações e competencia como o sr. Estevão de Vasconcelos, o sr. Ferreira do Amaral, sr. Correia Barrêto, sr. Alvaro de Castro, Alexandre Braga, etc etc, que poderiam ocupar quaesquer pastas, pois são dotados dessa faculdade previligiada de poderem ser ministros de qualquer coisa, pois em tudo são eruditos.

Seguiu-se o *sermão de lagrimas*, ou perdão, a apresentação do governo ao parlamento no qual foi lido o programa em bom papel e melhor letra miudinha — segundo autografo *no Mundo* de 4 do corrente. — Essa obra grandiosa que foi lida no parlamento pelo ministerio Costa, atinge todos os graves problemas do paiz.

O governo que *indubitavelmente* vae fazer politica nacional — conforme a sua apresentação ás comissões e juntas de parochias do partido e as reclamações a atender de todas as suas corporações filiadas, — hade declarar guerra á Alemanha, expulsar o ministro alemão do paiz, feito que o *traidôr* Pimenta de Castro não quiz efectuar por estar *vendido*, ha-de separar ainda mais funcionarios, levar avante a encalhada reforma da policia e *muchas cozas más*. Os programas militar e naval serão grandiosos, afastará a politica partidaria das funções militares, sendo reprimidos os desacatos á disciplina e desenvolvendo a *ação paternal* dos oficiaes sobre as praças, ministrando a educação militar aos cidadãos sobre um carater preparatorio, etc....

Na marinha, largos vôos, atendendo ás exigencias modernas, reorganisação dos serviços da armada, estudará o problema da marinha mercante, pesca, farolagem. Nas colonias, reorganisação do seu exercito proprio, serviço de correios e telegrafos, questão de missões e da emigração.

O comercio e a industria vão ser atendidos com aquele carinho que é o apanagio de todas as orações de apresentação dos governos em Portugal. A exportação auxiliada pelo Estado nos limites do tesouro, a legislação operaria cuidada asurádamente pelo govêrno; desenvolvimento do espirito associativo, da ideia da mutualidade obrigatoria... As subsistencias baratearão; a industria mineria e siderurgica verão o progresso aberto á sua frente. Desenvolverá a cultura cerealifera, o credito agricola, arborisação, etc.

Pelo interior, o programa não é menos tentador; além da reforma da policia, a proibição formal do jogo de azar, e garantia e segurança das pessoas e propriedades dos cidadãos — (tem a palavra Pedro Muralha).

Um novo codigo penal, alteração na legislação civil e comercial pela justiça, emquanto a instrução numa vertigem de trabalho reavivará a luta contra o analfabetismo, creando mais escolas, e dando de *morrer* a mais professores primarios, difusão da educação civica, reforma da instrução secundaria, do ensino feminino, do tecnico e da cultura fisica.

Temos mais, além d'isso, o restabelecimento das finanças publicas, muito achacadas, ao que parece; remodelação de contribuições, cadastro da propriedade, consolidação da divida publica, remodelação do serviço bancario, preparação da socialisação e municipalisação dos seguros da nação... ai não!

Além d'isto, temos ainda outras surpresas, e bonus universal, para contento de todos e para a paz universal.

Como os leitores vêem, não ha nada mais barato.

Nem as *farturas*.

No entanto, um velho dictado do povo desconfiado diz que é sempre bom *vêr e crêr*... como S. Tomé. Ora nós estamos n'essas circumstancias. Já no tempo da outra senhora, que morreu por uma indigestão de muito boas palavras e de muito pessimas obras, quando um governo subia ao poder, ao apresentar-se ao respeitavel publico, quer dizer, ao parlamento, ia buscar ao livro sagrado da rotinice nacional os grandes problemas e estudos a attender.

E sempre, é claro, as palavras eram boas; attendia-se, ali, no... papel, ás mais graves questões da vida nacional; o povinho, que sempre foi burro — não desfazendo, é claro — abanava a cabeça e lá ia dizendo que a *vida nova* ia começar.

E nunca se passava do classico «vou estudar a questão», da bocca dos ministros, até que outro govêrno surgia no parlamento, com novo discurso-programma, a prometter um *bombom* a todos os papalvos.

O programma já o conhecemos, já o conheciamos todos, mesmo antes de lido, no parlamento. Resta ver as obras.

Para essas é dar tempo ao tempo. No entanto, parece-nos que d'aqui a alguns mezes teremos ainda apenas desenvolvidas a cultura das *ameixas*, a plantação das *laranjinhas* e a abundancia do *peixe-espada*.

E entretanto a verdadeira industria nacional irá florescendo: e essa é a *cerealifera*, que o govêrno promette proteger.

Não são precisos incomodos.

Para fazer cera... todos estão promptos em Portugal.

DOS POETAS

Amor e Psyché

A' procura do Amor, que anda tontinho
Por alta ninfa de argentino seio,
Psyché, do bosque rumoroso a meio,
Sente no calcanhar cruciante espinho.

Aos gritos seus, o Amor, como um veadinho,
Pulando chega em ofegoso anceio,
Com geito o acúleo tira e com receio,
E a ferida oscula cheio de carinho.

E então a pobre diz, sorrindo e aos ais
Vendo dançar o arvoredo em roda:
«Se o preço de tais beijos são abrolhos,

«Prouvera aos sabios deuses immortaes,
«Que mil abrolhos me picassem toda
«Nos pés, nas mãos, no peito e até nos olhos!»

EUGENIO DE CASTRO

Adelina Abranches

Vitima d'um acidente quando representava «*O Amor de Perdição*» em S. Paulo, já se encontra felizmente restabelecida.

Emquanto que em Portugal, só tratamos de divulgar o theatro estranjeiro, Adelina, a incomparavel atriz que hoje tanto honra as cinzas de Emilia das Neves, da Douradinha e Manoela Rey, lá anda por esse mundo fóra, a cantar o nosso theatro, o nosso lindo idioma e consagrando o nome saudoso de D. João da Camara, de Garrett, de Marcelino Mesquita, e tantos outros dramaturgos da sua patria querida.

Que diferença...

Dentro em breve, Lisboa inteira, vae ouvir novamente a sua actriz que, é hoje uma das mais lidimas glorias da arte sublime de representar. Adelina embora afastada da casa de Garrett, longe da sua linda terra de Portugal, não se cança da luta insana de honrar o theatro portuguez, com aquelle genio extraordinario que a notabilisou entre as artistas como Duse, Sarah Bernhart, Rejane, Mimi Agulia que, mais não valem ao lado de Adelina Abranches, Angela Pinto, Lucinda Simões, Lucinda do Carmo, que tiveram a suprema desventura de nascerem em Portugal! É pena, que Adelina, se demore apenas entre nós, de Janeiro a Março data, em que vantajosos contratos a chamam novamente a terras de Santa Cruz.

De ponta... e mola

As primaveras

Anunciam os francezes para a proxima primavera um esforço ultimo, uma offensiva geral. Já o anno passado, por este tempo aproximadamente, se dizia que na primavera se fazia sentir a offensiva geral, levando além Rheno os subditos do kaiser. Como se vê, a primavera parece a estação preferida para os ardores belicos.

Mas o peior é que chega a patifa da primavera e... a ofensiva fica para pêras!!»

Coisas velhas

Anda agora mais uma vez em voga, o Arsenal passar para a outra banda, e a avenida marginal—da India—nos parece que se chamará, toda cheia de relvas verdes, buchos elegantes, cortada pelo comboio electrico para os Estoris e Cascaes, cheia de bustos e marmores de varões ilustres, etc., outras maravilhas da Lisboa futura.

D'aqui a dias surgirão, a ponte sobre o Tejo-uma obsecação lisboeta de esturdios burguezes—,um arco triumphal, uma «passarelle» de S. Pedro de Alcantara á Graça, emfim... mil devaneios por 10 réis, nos periodicos, que muito deleitam o leitor, e, não fazem mal á bolsa porque de lá nunca passam.

Nada. Que os governos fizeram-se para a politica...

Musica

Ante-hontem iniciaram-se as grandes symphonias pelas nossas já reputadas e conhecidas orchestras, a de Blanch em S. Carlos, a de David de Sousa no Politheama. A'parte o gosto artistico, o avanço civilisador e a nota fina de taes manifestações de vitalidade, outra conclusão se tira: E' que Portugal com o sr. Affonso Costa no poder, já começou com os «concertos».

O mal de muitos

O general Galieni, honestissimo e valente militar que por ocasião da batalha do Marne defendia Paris, e hoje é o ministro da guerra da França, entendeu que á frente dos exercitos francezes só devia existir um unico chefe supremo, para asim existir a unidade do commando, e nomeou para tal logar de responsabilidade, Joffre, o grande Joffre.

Entendeu o illustre official que assim acabaria com «todos quererem mandar», mal de muita gente bôa.

Por exemplo, cá n'este cantinho pacato da Europa, todos «querem mandar» e o mais certo resultado é irmos não para o general Joffre, mas para... o «major».

O X

Ha já novo governo! Finalmente
chegou o grande Afonso! E as minorias,
sabendo recebelo otimamente,
quizeram comparalo ao grande Elias!

A lista dos projectos, é tendente,
a dar, á Patria amada, as garantias
de que Ela necessita actualmente,
a fim de ver surgir ditosos dias!

Irão eles avante! Eis o segredo
em que eu, neste momento, parafuso,
cheio de angustia e dôr, receio e medo!

O prometer é bom!... Mas, desse abuso,
é que nasceu a trama, o triste enredo,
do pobre auctor do *Audaz—Corsario—Luso!*

Candido Torrezão (K K. To.

Agostinho Fortes

No proximo numero publicaremos um notavel artigo, deste illustre homem de letras e nosso querido amigo.

Bilhetes postaes insolentes

Caro senhôr:

Sois monarquico, dizem. Os meus respeitos e os meus pezames; eu sou republicano convicto e como tal lamento e chóro a vossa separação da grande têta do estado. Foi uma iniquidade que nunca a monarquia cometeu. E já que estou falando-vos de coração nas mãos, deixae que vos dê um conselho: aderi ostensivamente á Republica. O partido democratico receber-vos-ha de braços abertos. Chegareis num instante a deputado... a ministro... Depois podeis perseguir então os maus funcionarios, isto é —coitados—os velhos e aborrecidos republicanos que vos enfastiem.

Adira, grande burro, *e creia no seu*

João Platão.

A GUERRA EUROPEIA

Um esquadrão dos celebres cossacos

Em redor dos factos

O Sr. Afonso

Subiu finalmente ao poder e está sentado á mão direita... de Victorino Guimarães, donde ha-de vir julgar... os revolucionarios do 14 de maio que recebem dinheiro das casas de jogo.

Mas, oh! senhores, que terra a nossa, que tantas infelicidades parecia ter aflagelar o seu destino, e afinal, o maior, ounico que não deixa a Patria erguer-se, e entrava os rodados da nossa administração é... o jogo!

Os generos sobem, a fome estende-se pelos lares pobres, e nas casas remediadas essa crise de angustia crava medonhas visões de um futuro negro.

O governo no parlamento, trata... do jogo!

A industria nacional pára, resente-se da sua misera situação, os braços paralisam, e desenha-se uma era de fome.

O governo no parlamento trata... do jogo!

Mas que necessidade é esta de desfiar o rosario enorme da nossa perdida situação economica, se ninguem já ignora a que desceu esta malfadada terra.

E... o Sr. Afonso trata do jogo!

Ora vamos, não queira desgostar os correligionarios que fizeram a *segunda*, e que com o jogo se dão ás mil maravilhas!

Sá Pereira

Apresentou uma proposta contra o jogo.

Sá Pereira é aquelle ridiculo deputado eleito pelos socialistas, e que *jogando* com um pau de dois bicos se passou para os democraticos.

Pois é este senhor que, tendo-se servido de uma *batota politica*, apresentou uma proposta contra o jogo.

Hermanas Heliet

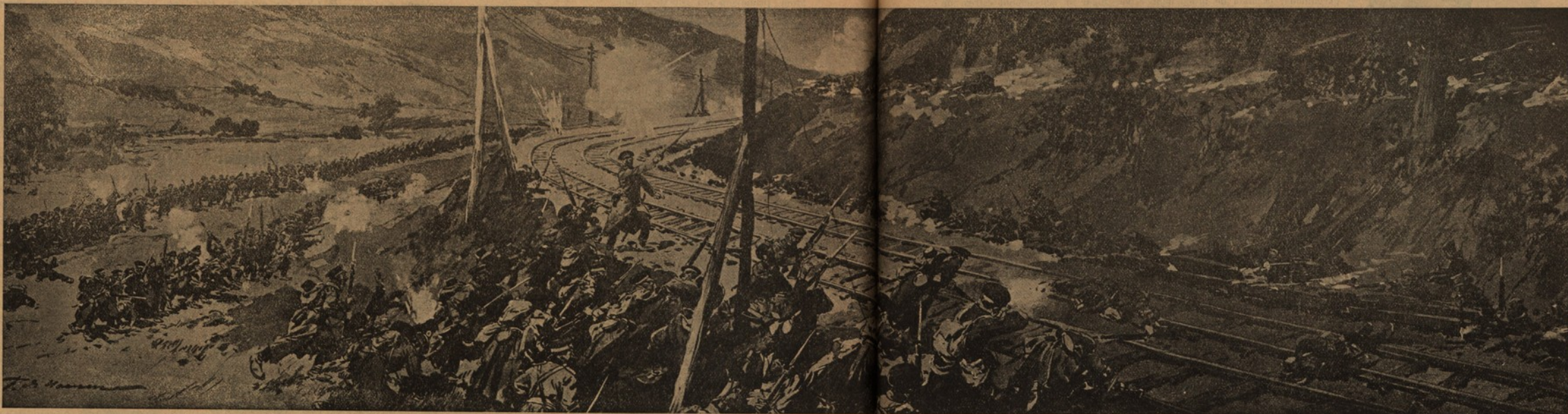
Recebi uma carta do auctor dos *Ecos Artisticos*, da *Folha de Lisboa*, agradecendo a noticia que publiquei n'este logar, e informando ter sido calumniado por estas senhoras perante a ex-artista sr.ª Helena Dacris, hoje proprietaria em Lisboa de uma bella Pensão, e tambem visada nos referidos *Ecos*.

Agora que o Sr. Afonso quer uma esponja sobre as ofensas, que domonio, o remedio é perdoar, que ellas coitadas, não sabem já o que devem exigir, se a intervenção do seu ilustre consul, se da propria Hespanha em pé de guerra.

Vinicio

Em defesa dos Artistas

E' o titulo d'um artigo sensacional, que o *Zé*, publica no seu proximo numero, de **João da Rua**, ainda a proposito do incidente André Brun que tanto agitou a classe dos artistas dramaticos.

A Guerra Europeia

Ataque dos bulgaros á linha ferrea que liga Nisch a Solonica, heroica defendida pelas tropas servias

O resumo da semana dá paralisação na generalidade, da luta nas linhas ocidental, e oriental frentes á Alemanha, apenas com sucessos locaes, lutas de minas, pequenos duelos de artilharia e choques de aviões.

Os russos nesses pequenos recontros locaes, contra-ataques, ofensivas malogradas, conseguiram por vezes verdadeiros sucessos, como a captura dum estado maior alemão numa audaciosa ação de infanteria e cavallaria, e o rechaçamento de toda a ofensiva germanica em frente de Riga.

Ha a notar que telegramas ainda dos ultimos dias noticiam com alarde grande reforçamento das linhas alemãs os quaes se preparam desta forma ou para uma resistencia energica ou para uma nova tentativa ainda, de ofensiva.

Essa reorganização é feita com artilharia e empregando prisioneiros francezes e belgas nos trabalhos de fortificação, triplas trincheiras de cimento armado com plataformas especiaes para artilheria. De resto essa primeira linha de combate, é organisada atualmente de modo inteiramente diverso dos processos antigos e geraes. O jornal Russo *Rousskoie Slovo* num artigo sobre este assunto afirma que os alemães espõem atualmente muito menos os homens que no primeiro ano da guerra. Toda a linha de fogo está cheia de ciclistas e automobilistas militares que percorrem grandes extensões dum ponto para o outro semeando as trincheiras inimigas de metralha dos seus vehiculos blindados e bem artilhados. Evitam assim as grandes massas de homens que tantos desfalques obtiveram nas primeiras loucas investidas.

Talvez seja assim o modo de conseguirem o grande, o sem fim numero dos seus soldados. Eles vão a toda a parte distribuem-se a todas as frentes. Num esgotamento provavel mas patriotico, esses militares da Alemanha, giram constantemente pela rêde Kolossal—para empregar o seu termo predileto—dos seus caminhos de ferro, duma frente a outra onde sejam precisos, auxiliam os seus aliados, e sempre que um novo perigo os ameaça ou a qualquer dos seus amigos, eles surgem prontos a pelejar nessa nova frente.

Assim, logo que se falou na aparição ameaçadora duns 300.000 russos, sobre a Bulgaria, atravessando a Dubroudja com o consentimento da Romania, se anunciou a partida de forças alemãs para a região fragil da Bulgaria, por ventura, Roustchouk, porto donde partem caminhos de ferro para Varna e para Tirnow e Andrinopla. Essas tropas que Mackensen—o heroe da invazão servia—tiraria das suas forças, denotam por outro lado—a crer nos telegramas que vem—um certo despreocupamento quanto á falada cooperação italiana pela Albania, uns 140 mil homens, segundo os amigos dos boatos.

Uma trincheira de infantaria servia nas margens do rio Vardar

Por todos esses factos se vê que continuam as atenções a prenderem-se pelos Balkans. A Grecia na eterna dubia situação, ora sorrindo aos aliados, ora sorrindo á Alemanha! O mêdo, o exemplo tragico da Servia aniquilada, os restos do exercito de Putnik, são causas efetivas para o abatimento moral da nação helenica. E... entre as promessas duns, as ameaças doutros, um dia se mostra optimista para estes, ora para aqueles.

Nunca se pensou que as pequenas nações dos Balkans valeriam os rogos e as ofertas das grandes potencias. Hoje elas prometem, farejam os campos mais faceis de enredar nas suas malhas astuciozas, para a si agregarem mais novos combatentes. Em Bucarest, sorri-se á Russia... e no entanto nada de positivo se póde dizer.

Seremos tão optimistas que possamos admitir a proxima invazão da Bulgaria ou tão pessimistas que aguardaremos um novo *cheque* na diplomacia e nos interesses aliados?

Chi lo sa—Como diziam os nossos amigos italianos, entregues a incendiarem Goritza de em volta dos cumes altos que a cercam. Nos Dardanelos luta estacionaria, no Caucaso eguaes embates de forças, bem como na Mesopotamia.

Um veterano servio, que já tomou parte em 3 campanhas

Falámos ao de leve, ha pouco, na intervenção da Russia no conflito balkanico duma maneira eficaz, tal como poderia ser, e chegou a constar nos meios fantasistas e optimistas, a sua passagem pela Doubrutja e a invazão da Bulgaria pelo Norte. Ora se não nos alargámos logo em afirmativas e calculos hipoteticos sobre esta solução, foi porque ela peca em absoluto pela falta de indicios que nos façam ao menos prever tal facto. Na realidade, por telegramas relativamente recentes a Roumania, licenceou uma ou duas classes, manifestando se assim como que desinteressada, duma questão que realmente a interessa de sobremaneira. Mas procedendo assim, a Roumania, onde a corrente aliada de Filipesco se equipára ás correntes germanofias dalgumas altas individualidades, parece hezitar ante o que vê e ante o que ouve. Porque, quer na Grecia, quer na Roumania, ha duas ações mutuamente a contribirem para as definições de atitudes; por um lado, a diplomacia regular, ou de tentações, em que, quer duns quer doutros, os mais habeis enviados das duas forças enimigas prometem, tentam, ameaçam e enredam, e por outro lado aquilo que os espiritos indecizos por seus proprios olhos veem e compreendem. Ora se pela diplomacia, os aliados na Roumania, e mesmo na Grecia ambigua, ganham terreno, os factos e a realidade são favoraveis aos imperios centraes. A Ruomania, a Grecia olham a Servia, a nação irmã esfacelada, totalmente invadida pelo que julgam, o mais forte.

Em Monastir entraram os bulgaros mas com alemães, para que a Grecia podesse ouvir perto, as marchas e os triunfos das forças da Kaiser, De forma, que os mais animosos, excitados pelos germanófilos, veem o perigo, quasi a superstição, dos famigerados exercitos da Alemanha, e tremam e cedem.

Uma solução energica, pouco prudente talvez, mas que seria de consequencias imediatas, era um *ultimatum* á Grecia, pelos aliados. Todo o tempo que se passa, que os aliados teem perdido, um mez, dois mezes, tem sido desfavoravel para si; a questão punha-se logo no inicío da invazão da Servia, com as esquadras aliadas em todo o litoral grego: ou a Grecia abertamente ao lado dos aliados ou, toda a sua vida desfeita, *todas* as suas cidades arrazadas em 24 horas, empreza facil no momento. Das duas, uma. Ou a Grecia intimidada—como sucede agora perante a conquista alemã—cedia e a Servia seria amparada, e a propria Roumania influenciada, ou a Grecia se espunha ao arrazar de todo o seu solo, pelos *dreadgnowts* anglo-franco-italianos; a Servia sofreria da mesma forma a invazão do seu solo, mas os aliados não estariam na figura ridicula da dependencia da pequena nação helenica, atemorizada e germanofila.

A ação diplomatica das aliadas tem falido quasi sempre. Falta-lhe a astucia enrededôra, o dinheiro que a Alemanha consome por toda a parte desde a Hespanha á America, minando as consciencias, e a energia para impôr as suas vontades e o seu temôr a tempo. Faliu medonhamente Bulgaria, baqueia ante a impenetrabilidade da Grecia e da Roumania.

Emfim, a verdadeira esperança volta-se de nôvo e sempre para os grandes exercitos aliados, para as frentes da

O general francez Sarrail, comandante das forças franco-inglezas que operam nos Bálkans

Carta a João Platão

Collega amigo

Li o seu postal e muito lhe agradeço a «parti-pris» que me toca; não extranho, apesar de habituado não estar á galanteria do louvôr ao meu trabalho ardoroso que vem de annos, em prol do theatro e dos seus obreiros.

Dotado d'um forte espirito combativo na vida, que me ensinou a conhecer os homens e as coisas, auxiliado pelo sentimento artistico que me conduziu a estudar na mais empolgante manifestação do saber humano—a arte sublime que é a litteratura dramatica e a da interpretação, até chegar ao conhecimento de que é no theatro que reside a transformação da nosa nacionalidade como simples soldado, sem o menor atomo de valor como intellectual, tenho entregue o melhor do meu saber, da minha vida, da minha actividade, a combater para o rejuvenescimento do theatro que, mercê de factores varios, tem dia a dia acompanhado a nacionalidade na decadencia que desde o aviltamento de caracter á cobardia, tem levado o povo portuguez a esta degradante mizeria e psicopatia que, tem um tanto de commum com a situação em que durante annos, se encontrou a Lombardia d'outr'ora. Nascer um luctador, preparar a inteligencia para o combate a que me levou o sentimento pelo culto da arte, mercê dos grandes mestre como Gostavo le Bon, Emile Faguet, Moliére, Gambetta, Victor Hugo, Charles Maurras e tantos outros aonde tenho bebido para o cultivo do meu espirito, não basta, para me admittir com talento, e subir ao pinaculo da gloria como auctor dramatico. Não é artista da litteratura, da poesia, da sublime musica, da esculptura ou da pintura, como da arte de representar, quem quer—artista é o que nasce artista, porque a sua alma nada em fogo sagrado, privilegio unico da natureza mãe que avaramente sabe escolher a creatura que nasce para ser artista! Queria ter nascido para transmittir ao mundo, pela voz da litteratura, o engenho da dramaturgia como Eduardo Schwalbach, como Marcellino Mesquita, o saudoso D. João da Camara, os mestres Gil Vicente e Garrett.

Ser dramaturgo para insultar tão nobre arte e sciencia, mais vale ser o que sou ha tanto anno—um simples franco atirador em prol do theatro para causticar os mediocres que não comprehendem que o jornalista, deve ser jornalista só; o dramaturgo, só dramaturgo; actor, só o artista que sabe interpretar e sentir lá dentro a alma!—o critico deve ser critico só; nunca um alfaiate a fazer artigos para jornaes ou um merceiro a fazer theatro.

Aqui tem, porque não póde nem deve fazer uma peça o seu

João da Rua.

GOUVEIA PINTO

Gordo, pequeno, afavel, quem em Lisboa o não conhece? Umas vezes de bigodes flamantes, outras de cara rapada como um abbade respeitavel da Ordem do Nacional, elle sorri a todos que lhe passam pela bilheteira.

Simpatico e instruido, ganha a estima dos que tratam comsigo pela sua amabilidade e cortezia, pelo seu trabalho e rectidão, por todas as boas qualidades emfim que alberga o seu todo avantajado.

Das emprezas, em que figura, como camaroteiro, recebe sempre juros d'essa estima; do publico que o conhece, egualmente inequivocas demonstrações desse apreço.

Aquellas levando á scena peças reputadas, nas noites das suas festas, o publico correndo á bilheteira e esvaziando-a. E, é o que mais uma vez vae acontecer, amanhã, em que Gouveia Pinto, o simpatico camaroteiro do theatro Nacional, verá a sua festa partilhada por todos que o apreciam e lhe consagram afecto; a empreza leva a celebre peça norte americana de largo successo em todo o mundo, **Vinte mil dollars**, o que é mais uma razão para abrilhantar a festa do nosso particular amigo Gouveia Pinto.

Por isso, daqui lhe mandamos muitos parabens, felicidades e desejos de muitas... viagens ao estrangeiro.

KODAK THEATRAL

A' ultima hora! — Revista em 2 atos de Augusto Véras e Simões de Castro, com musica de Manuel Figueiredo.

Dizer ao nosso leitor, o que fez na cidade invicta a companhia do extincto Republica, é coisa bem inutil uma vez que ali está correndo aquelle reportorio, que a época passada no S. Carlos, foi a delicia da gente alfacinha.

«O Zé», pela mão do seu redactor theatral, foi visitar o Olimpia Theatro, aonde está em scena uma revista interessante de Augusto Véras, o primoroso critico theatral, o nosso saudoso camarada da «Plateia» e das «Bandarilhas de Fogo» e do distincto jornalista Simões de Castro.

«O Zé», gostou e riu a bom rir da fina graça sem ditos escabrosos; da analise escalpelante á politica reles que contaminou tudo e todos na terra do saudoso Camillo Castello Branco. Nada escapou á observação dos auctores. Variando de quadro em quadro, sem descambar no ridiculo, na exploração ao sentimento da alma popular, ali tudo tem critica e a vida intima do Porto, pela mão da gargalhada, lá anda de braço dado com o talento dos dois collegas que, teem dedo de mestre para o theatro.

Destacamos o impagavel Martins dos Santos, o artista que em rabulas sabe triumphar e se tornou um valoroso elemento na revista e operetta. Calhou na plateia exigente do Porto que o aprecia e applaude.

Caetano Reis, actor correcto e de muito valor, tem tambem trez optimas rabulas que tira partido.

Duarte Silva, o actor conhecido na especialidade de «compéres», dá-nos o Hilario da revista com muito acerto e merecimento.

Maria Amelia, a gentil actriz que Lisboa tanta vez applaudiu, é a emprezaria e tem, como aqui, a sua plateia.

Maria de Sousa, actriz conhecida do publico da capital, poz agora cartaz e com muito agrado no Porto, aonde tem brilhado pela sua modestia que a impõe ao conceito publico.

Virginia de Sousa é uma estreiante que promete muito; deve estudar e não ter pressa de fazer nome no theatro.

Os restantes, desconhecidos ainda em theatro, formam o conjuncto heterogeneo da modesta companhia que, sob a direcção habil do actor Augusto Soares, estão fazendo epoca com agrado no lindo theatro—Olympia do Porto. Um abraço a Véras e Castro do

João da Rua.

CARTAZ THEATRAL

NACIONAL — E' tal o successo da interessante comedia—**D. Perpetua que Deus haja**, que Lino Ferreira, não tem pressa em nos brindar com novo trabalho portuguez.

A' noite, a bilheteira regojita de gente. Os logares, são conquistados a custo! A'manhã os **20 mil dolars em festa de Gouveia Pinto, o simpatico camaroteiro.**

TRINDADE—Quanto mais se ouve a revista de Schwalbach, mais se gosta do **Dia de Juizo**. Os proprios artistas, de dia para dia, primam no desempenho e, hoje em dia, ninguem ha a mil leguas da capital, que não tenha vindo á Trindade, dar um abraço ao Taveira emprezario.

GINASIO—Aos retardatarios, avisamos que vão muito adeantados os ensaios do **Primo Bazilio**, comedia extraida do notavel livro do saudoso escriptor Eça de Queiroz. Quem ainda não viu a linda comedia—**La dona é mobile**, aproveite, porque não se demora em scena.

EDEN—O publico, não sabe qual melhor apreciar—a riqueza da montagem do **Dominó**, se os novos e lindos numeros que dia adia, surgem a enriquecer a bela revista de Alberto Barbosa e Pereira Coelho.

APPOLO—**Viagem de Suzete.** A empreza, prepara-se para brindar o publico com o mais fenomenal scenario e riqueza de indumentaria. Dizem que a **Viagem de Suzete**, vae ser um assombro

Quanto ao desempenho, foram escolhidos os melhores artistas da companhia. Durante semanas não ha um logar no Apollo. Tudo ali trabalha para o successo de arromba.

COLISEU DOS RECREIOS—Temos os espectaculos da notavel companhia equestre que, vae dar em breve, logar á sensacional estreia da mais notavel companhia de opera lyrica, que nos ultimos annos tem vindo a Portugal. E' aproveitar, porque os interessantes saltadores, os clovos, os ferozes leões, vão dar logar á arte sublime da divina sciencia—a musica e canto.

SALÃO FOZ—E' um nunca açabar de notabilidades artisticas, que a empreza apresenta no chic theatro de variedades hoje, o elegante salão que todas as noites é visitado pela mais notavel sociedade da capital.

O **Salão Foz**, é hoje o rendez-vous da arte e da gente elegante de Lisboa. Na terça-feira, novas estreias.

Soma e segue...

THEATRO MODERNO—A interessante companhia infantil, chama ali todas as noites, grande concorrencia. A petisada tem agradado extraordinariamente pelo seu valor e variado reportorio.

A empreza é digna do auxilio do publico.

Sem olhar a sacrificios, variando constantemente o seu reportorio, todas as peças são montadas com todos os requisitos.

D'entre os pequeninos artistas, notamos verdadeiras vocações.

VARIEDADES—Continua em pleno successo a peça de costumes portuguezes, em 2 actos, **O burro do Zé Alcaide**, original do nosso collega Velloso da Costa, para a qual fez musica o laureado maestro Manoel Benjamim.

Animatografos

Chiado Terrasse — A atual empreza, não descança em dar-nos as mais extraordinarias novidades do estrangeiro. O seu sexteto, unico no genero, continua a manter as suas tradições artisticas.

Olympia — O lindo cine da alta sociedade, é onde se exibem as mais sensacionaes novidades. Com os atrativos que apresenta, torna-o o mais querido dos animatografos.

Salão Central — Os successos, marcam-se pelas enchentes que são colossaes. Raro é o dia, que os cartazes, não indicam a estreia duma fita sensacional A musica classica que executa o seu sexteto, composto de notaveis artistas como João Passos, chama ali uma classe especial de publico.

Salão dos Anjos — Em pleno successo, temos ali a interessante revista do espirituoso e popular escriptor Arthur Arriegas.

Salão da Trindade — E' ainda hoje, o mais importante salão de animatografo.

As novidades sensacionaes, contam-se pelo sem numero de fitas celebres que ali se apresentam. E a musica?...

Salão do Loreto — Em fitas faladas, é o unico que atrae o publico. Todas as noites são medonhas as enchentes.

Paradis — Depois da remodelação a que não faltou o formal e Lamarão, vêmos ali uma plateia digna d'uma casa de espectaculos. Apresenta as melhores novidades animatograficas e de *jolie bergers.*

Salão Imperio — E' o encanto do bairro Estefania.

batalha, mantendo-se integra e valorozamente. A Italia, a Russia, a França e a Inglaterra, ainda por si só, bastarão para a ardua tarefa da vitoria. O seu esforço é solido a sua organisação dia a dia mais estavel, ao passo que o esforço da Alemanha dá actualmente o maximo, conseguindo os exitos que a custo, cada dia que passa, irá mais dificilmente mantendo.

Aguardemos pois resignadamente, as ordens do generalissimo Tempo.

Critica de factos...

O Anastacio, apesar da sua incultura, diz-nos coisas que nos deixam espantado e que nos fazem scismar.

Ha dois dias que estivemos a caturrar e ele sai-se com esta:

«Mas a instrucção no nosso pais, é uma vergonha. Dizem que é gratuita, mas não é!

As propinas aumentaram consideravelmente e o mais digno de reparo é a exploração dos proprios professores nas lições particulares, na publicação de livros com explicações, programas, etc.

Os alunos que frequentam os liceus, se não tiverem cá fora explicadores, na aula nada aprenderemporque os professores pouco explicam.

Cá fóra é que dão lições, tendo o aluno que se explicar com a massa, se quizer aprender alguma coisa.

Mas este sistema torna-se até extensivo ás aulas de instrução primaria.»

Estes reparos são feitos por um homem de pouca cultura.

Não deixam contudo de traduzir verdades incontestaveis.

A republica tem feito bastante pela instrução, mas mais tem feito pelos professores.

Em Lisboa ha uma população de dezenas de milhares de crianças que não frequentam as escolas, em virtude do abandono em que se encontram; isto não obstante as escolas particulares e oficiaes que teem aumentado consideravelmente:

De resto, isso não é para admirar, porque ha para ai muitos desgraçaditos que não teem amparo, e dormem nos portaes e nas escadas como os gatos.

Dezenas de milhares de familias de Lisboa deixam os filhos durante o dia aos baldões da sorte.

E' claro que esses pequenos entes por ai andam cheios de frio, mortos de fome, como cães vadios ou gatos maltezes.

Ora quando as autoridades e a sociedade não se incomoda com essa miseria das miserias, quem é que ha de reparar essas injustiças?

Só o direito á vida póde garantir o pão aos entes fracos e pequeninos, á mulher e aos velhos.

Do que vale haver escolas abertas, se esses abandonados não teem pão quanto mais dinheiro para livros?!

A questão da manutenção desses infelises — isto é o pão certo, eis o principal problema.

Resolvido ele, trate-se da instrucção, mas que esta se não torne uma mina inexgostavel para os professores.

*

Resam as gazetas que os postos de despacho da Circunscrição do Sul cobraram imposto de pescado cerca de 35 contos no mes de outubro, isto é mais 16 contos do que em igual mes do ano anterior.

Isto é o mesmo que dizer que os postos referidos despacharam este ano uns 700 contos de peixe isto é o dobro do ano anterior!

Como é pois que o peixe está tão cáro, chegando-se a afirmar que ha pouco?

Os revolucionarios, esses dedicados vigilantes da republica e principalmente dos seus interesses, se em vez de praticarem actos que sob todos os pontos de vista constituem atentados contra a ordem e contra a liberdade, se olhassem com alguma atenção para as questões economicas e carestia da vida, tornar-se-hiam uns benemeritos.

Mas infelismente a embriaguez politica enlouqueceu esses patriotas, que julgam na sua cegueira salvar as instituições com desmandos.

O virus talassonico não morre com tais violencias.

Extinguir-se-ia desde que a administra ão publica entrasse num caminho de economia: que praticassem tudo quanto fosse possivel para desenvolvimento da riqueza publica e manutenção da ordem e da liberdade.

Jean Jacques.

O pão nosso... da semana

Secção amarga

Ora até que emfim, chegou
ao poder o «mestre Affonso»!
tens agora, ó «Zé-palonso»,
um governo... «comme il faut»!

Toda a questão velha e relha
Já pôz fim ao seu tormento!
O governo de momento,
é mesmo «detraz da orelha!»

Já nada mais faltará
á vida do «Zé-pagante»,
pois vamos ter d'ora avante,
um governo... «de alto lá!»

O peixe, a carne e o pão,
vae comer-se baratinho!
Tens agora, ó «Zé-povinho»
um governo... «de feição!»

Agora é que Portugal
entra na guerra a valer,
porque subiu ao «poder»
«um governo... nacional!...»

Vid'alegre

DIALOGOS

— Que fazes por aqui, amigo?

— Vou á manifestação.

— A' manifestação?

— Sim para irmos para a guerra.

— E tu vais?

— Eu?! Ora toma!... E' para ir a tropa.

— Porque é que te não alistas. Isso *tó carocho.*

— Porque andas a berrar que vão os outros?

— E' porque o Leote mais a formiga querem que vamos para a guerra.

Tableau!

Renegados!

(Aos *portuguezes* (?!) que desejam a intervenção estrangeira).

Todo o *fiel patife* que deseja
que Portugal não seja portuguez,
e passe a ser, com toda a mesquinhez,
dominado por quem por isso almeja;

Não passa de um *traidor*, embora seja
um raro prototipo de honradez,
pois perde o seu valor, sua altivez,
e na lama da rua, assim, rasteja.

Deixa de ter o brio e pundunôr,
deixa de ter, no peito, o patrio amôr,
á nobre terra mãe onde nasceu.

Quem a Patria renega é um *bandido*,
é *canalha poltrão*, é um *vendido*,
é *refinado biltre*. é um *sandeu!*

Vid'alegre.

Cartas irreverentes

José Sarmento, o primoroso e brilhante jornatista, dos poucos que tal classificação merecem, polemista dos raros na moderna geração, publicou no **Seculo** da noite, de sexta-feira ultima, uma notavel carta, subordinada ao titulo que nos serve de epigrafe, dirigida ao honrado cidadão que chefia o partido evolucionista, sr. Dr. Antonio José d'Ameida.

Ficará memoravel como documento politico do mais acentuado patriotismo, joia hoje rara em Portugal. e é. ao mesmo tempo, uma dura lição para ensinamento de certos trampolineiros que, se enfeitam com o pomposo titulo de estadistas.

A sua doutrina, d'alto alcance sociologo, só indica o valor do igido talento jornalistico de José Sarmento, e prova, que é assim que devemos todos honrar a nobre profissão de jornalistas — escrever com talento, de luva branca e não como por ahi se usa — escrever com os pés!...

Entrando a cantar

Péço licença que trace,
aqui num ligeiro traço,
os bons *films* do **Terrasse**
do Tittel e do Colaço!

K K. To.

Charadas

Soluções do numero passado: **Caçarola — Empreza — Faca — Amador — Amor-perfeito — Videira — Melhor é pão duro, que figo maduro — Julia — Ancora — Ora — Solidarisar — Contemplação.**

Decifradores

Videira, pederneira, caracol.

Charadas em frase

Traça a magua no vaso de guerra! —2—1.

Na margem do rio está a região.— 2—2.

Napus Leo.

A mira desta ciencia é uma outra ciencia parecida com ela.—2—3.

Œdipo.

Charada em verso

Sou rio d'esta nação—1
De gentes republicanas...
Na lira dos trovadores—1
Sou o enlevo das tricanas,
Com mil desenhos e flores,
Sempre na lama, no chão!—3

Passo vida atormentada,
Ninguem faz caso de mim.
Mesmo d'alma atormentada
Eu provoco a gargalhada
Num circo, pobre arlequim!

Salvaterra Junior.

Reduzidas

Vila portugueza—3
— me —
Mulher — 2

Napus Leo.

Adicionada

Bails—2
—ci—
Vila—

Napus Leo.

Por iniciaes

B	S	E	C	A	S	T	D	F
1	2	1	2	2	1	2	1	2

Œdipo.

Formar o nome d'uma possessão portugueza com as letras da seguinte frase;

NA BICA, D.

Napus Leo.

Enigma tipografico

INSTRUMENTO 2 T ARVORE

Salvaterra Junior.

Logogrifo

Quando cheguei a Lisboa
Vi um dia, cão raivoso—3, 4, 2, 1, 12, 11
Que pela rua andava á tôa,
Com o focinho asqueroso.

Vi na rua da Boavista,
N'uma lojinha obscura.
Certo instrumento fadista
Que serve na agricultura } 9, 10, 13, 12. 11

Mas agora neste dia—5, 6, 7, 8
Já não quero vêr mais nada,
Pelas ruas um tipo ia
A fazer grande chiáda.

Agora leitor não ria
E vá matando a charada!

Napus Leo.

Aos leitores

Por absoluta falta de espaço retiramos mais uma vez o concurso e varios artigos e secções de que pedimos desculpa.

Salão Foz

EXITO

Todas as noites a insigne cantora italo-hespanhola

La Verna

LA VERNA